

A investigação a respeito da teoria freudiana das pulsões, tal como é realizada por Luiz Hanns tem, antes de tudo, uma especificidade metodológica. Também neste segundo livro, ele se vale com maestria de seu conhecimento da língua alemã, que permite ao leitor acompanhar os aspectos lingüísticos da interligação dos conceitos. Seu método objetiva a “rede de semelhanças e diferenças entre as palavras alemãs, que ajuda a conferir certa tonalidade ao texto, bem como dar-lhe maior precisão” (p. 15). Apesar de a primeira etapa de sua construção metodológica ser a mesma utilizada no *Dicionário comentado do alemão de Freud*<sup>1</sup>, não temos uma pura repetição do tipo de trabalho, nem da metodologia: “No presente livro, não se trata mais de focalizar cada um dos termos alemães em seu contexto, mas do fluxo do texto freudiano e das tramas teórico-temáticas que lá se formam” (p. 15). Cabe entretanto perguntar de que maneira nele encontramos o que caracteriza uma teoria das pulsões como tal e não como um conjunto de concepções abrangidas pelo termo pulsão. Diante disso, devemos ressaltar a diferenciação estabelecida entre os três tipos de leitura interdependentes, que são compreendidos pelo método empregado. O primeiro tipo visa os aspectos lingüísticos dos termos, o segundo, o modo freudiano de os colocar a serviço de suas estratégias semânticas e estilísticas e, o terceiro, a utilização dos termos enquanto conceitos da teoria psicanalítica, que se interligam.

## O arco pulsional e a escuta dos conflitos

*Resenha de Luiz Alberto Hanns, A teoria pulsional na clínica de Freud, Rio de Janeiro, Imago, 1999, 230 p.*

Admitamos que uma teoria seja um conjunto de enunciados relacionados a respeito de um objeto, que o descrevem de modo a torná-lo identificável e contém asserções a respeito de seu funcionamento ou comportamento. Há que se distinguir então as concepções que uma palavra como pulsão evoca e o seu uso conceitual. A tarefa que Luiz Hanns se impõe situa-se em terreno movediço, cuja travessia deve ser de início garantida por seu manejo dos três tipos de leitura. Mas admitamos que nem sempre a palavra pulsão é empregada como um conceito no ambiente psicanalítico. Evoca imagens mentais de variação talvez infinita. Além disso, a própria apresentação do vocábulo alemão *Trieb* traz sentidos de que se apoderam associações de nosso livre pensar. A riqueza resultante do cotejamento de concepções com conceitos traz consigo o risco de embaralharmos as próprias distinções.

De um ponto de vista lógico-filosófico que nos pode servir, digamos que o conceito tem validade intersubjetiva, é a comunicabilidade de um termo. Pode ajudar-nos, ainda mais, a distinção feita por Susanne K. Langer, entre concepção, para a imagem mental dos símbolos e conceito, para a forma essencial, abstraível, pública<sup>2</sup>. Se este modo de definir o conceito faz valorizar o terceiro tipo de leitura alcançado na trajetória metódica do livro, ele ilumina também as dificuldades resultantes da imbricação dos três tipos de leitura.

Como o autor assinala, desde seu livro anterior, o vocábulo *Trieb* é disseminado pela língua alemã, tanto na linguagem coloquial, quanto nas especificações que vai ganhando quando dele se apropriam filósofos e cientistas. O conceito psicanalítico de *Trieb* reflete usos anteriores do termo, sem enfeixá-los simultaneamente. Lembremos ainda que as pesquisas lingüísticas expostas nessa obra não se pretendem abrir para um interminável acompanhamento de giros possíveis dos termos alemães e nem retomar os deslizamentos dos significantes que constam da bibliografia lacaniana. Assim, além de usufruirmos do material de informação lingüística que nos é ofertado pelo autor, é indispensável que nos atenhamos a suas colocações para compreendermos sua apreensão do conceito de pulsão (*Trieb*) e avaliarmos o que caracteriza seu percurso de leitura de toda a obra freudiana.

Para Luiz Hanns, a “originalidade e contribuição de Freud não foi ter criado o conceito de *Trieb* propriamente dito, mas ter inserido o conceito num constructo psicanalítico no qual as pulsões sexuais e destrutivas ocupam um lugar central, bem como propor um tratamento possível dos conflitos pulsionais” (p. 36).

Encontramos, acima, tanto o modo pelo qual vão se delineando os alicerces da teoria e do conceito utilizados pelo autor, quanto a finalidade que para ele existe em rastrear-los, a saber, mostrar sua conexão com a compreensão dos conflitos pulsionais e a conseqüente utilização na clínica, proposta que rege procedimentos que vão se aclarando na progressão dos capítulos.

Esta abordagem distingue a teoria pulsional, central no edifício teórico psicanalítico, de quaisquer teorias filosóficas ou psicológicas a respeito de mundos mentais. Para o autor, o que diferencia a formulação de teorias que a estes dizem respeito e a de uma teoria pulsional psicanalítica é a inserção que nela tem uma teoria do conflito psíquico.

A primeira tarefa de que Freud teria procurado dar conta, desde o *Projeto*, teria sido a de "estabelecer uma correspondência entre o mundo psíquico (idéias, afetos) e a fisiologia pulsional (os processos neuroanatômicos e energético-econômicos)" (p. 37). Luiz nos adverte, entretanto, sobre o equívoco que consiste em interpretar referências à "fisiologia pulsional" freudiana e o apoio possível que esta procurou na biologia, por ocasião da redefinição do dualismo pulsional, como tendência a atrelar a psicanálise à biologia. Com efeito, o dualismo pulsional, como se deduz principalmente do item II da Parte I - "De que pulsão (*Trieb*) fala Freud" - provém da referência a várias dimensões da "manifestação da pulsão". Ao incorporá-las nas suas elaborações teóricas, Freud o teria feito pondo-as a serviço de três tarefas exigidas pela edificação da psicanálise, a saber, "1- formular um modelo de

funcionamento psíquico, 2 - estabelecer as bases fisiológicas do psiquismo e 3 - situar os fatores biológicos de nosso comportamento" (p. 37). Apesar da clareza desse texto, reconhecamos que tem sido um quiproquó constante a mencionada correspondência entre o "mundo psíquico" e a "fisiologia pulsional" e que Freud nos legou uma copiosa fonte de polémicas e de disputas escolásticas, ao definir pulsão como um "conceito situado na fronteira entre o mental e o somático".

O autor reapresenta, com vocábulos alemães, o parágrafo de *Os instintos e suas vicissitudes* em que o conceito é situado na referida fronteira. Vale então destacar mais uma vez a frase seguinte, que define o modo pelo qual isso se dá: "como o representante (*Repräsentant*) psíquico dos estímulos (*Reize*) que se originam dentro do organismo" (p.76). Luiz pode então ir esclarecendo os destinos propriamente psíquicos compreendidos pela formação conceitual do termo pulsão. Não o faz sem compartilhar a perplexidade de muitos outros leitores de Freud: "Afinal, as pulsões representam os estímulos ou vice-versa? E qual é o conceito situado na fronteira, a pulsão ou o estímulo?" (p. 76). Seu encaminhamento das questões parte da constatação de que as acepções se alternam e de que essa alternância é estabelecida de acordo com os focos de elucidação da teoria, que Freud privilegia a cada momento de sua obra. Não é possível reproduzir aqui todas as diferenciações cuidadosamente estabelecidas

por Luiz Hanns. Vale, entretanto, indicar estas pedras de toque: "a pulsão é o representante (delegado) dos estímulos se utilizarmos pulsão na acepção daquilo que é percebido psiquicamente como vontade ou impulso" e "os estímulos são os representantes (delegados) da pulsão, se utilizarmos a palavra pulsão na acepção de finalidade biológica organizadora, e designarmos como estímulos os elementos enviados pela pulsão em direção à psique" (p. 77).

Esse tratamento das questões é também fundamentado pelo exame dos tipos de "representação" a que constantemente Freud se refere. Com efeito, o esmiuçamento das conotações de *darstellen*, *vertreten* e *Vorstellung*, permite explicar que "quando Freud diz que a pulsão é psiquicamente 'representada', pode, conforme a palavra alemã utilizada, referir-se a um dos três sentidos: a pulsão é *darstellbar* (traduzível, exprimível, configurável) em imagens, *vertretbar* (substituível, delegável, simbolizável) por essas imagens e essas mesmas imagens são *Vorstellungen* (representações internas, reproduções mentais, são imagens

guardadas na memória que reproduzem objetos ou ações aos quais a pulsão se liga e que são ativáveis)" (p. 83).

O trabalhoso trato com o vocabulário freudiano, que fundamenta essa apresentação da teoria, e o exercício do pensamento psicanalítico, levam também Luiz Hanns a realizar contribuições que a ultrapassam, no sentido de ele cunhar seus próprios conceitos. É o caso de arco pulsional, que visa dar conta das modulações das pulsões. Seu traçado vai desde o espicaçamento corpóreo e visceral dos estímulos (*Reize*), em sua urgência de escoamento (*Abfuhr*), até os "pensares (*vorstellen* e *denken*)" (p. 109), que sempre se reinstalam para além de qualquer satisfação ou apaziguamento (*Befriedigung*).

A colorização pulsional, acompanhada a partir de ângulos diversos e complementares, caracteriza a escuta freudiana reconstruída pelo autor. Na fala do analisando, trabalhariam deslocamentos, condensações e também movimentos, em diferentes arranjos ao longo do arco pulsional, tais como regressão, progressão, fusões e defusões.

O conceito de arco pulsional permite, por sua vez, que se aprimore a ótica a partir da qual são retomados os conceitos de Pulsão de Morte e de Vida. Luiz Hanns aponta para o fato de Freud não ter para es-

sas pulsões “o mesmo detalhamento na fisiologia, nas transformações das imagens, afetos e representações” (p. 151), que estaria presente na teoria pulsional anterior. Diferencia a Pulsão de Morte enquanto força ou princípio da natureza, atuante em todos os seres vivos, da pulsão de morte tal como se inscreve “nas outras dimensões do arco pulsional” (p. 150). Entendemos que, para ele, a pulsão de morte, descoberta em seu amalgamento com a pulsão de vida, altera a visão freudiana dos processos psíquicos. A partir daí tornar-se-ia central a idéia de fusão e, mais do que nunca, haveria impossibilidade tanto de desejo quanto de representação ligados a uma pulsão de morte ou pulsão de vida puras.

A questão da “representabilidade pulsional”, cujo encaaminhamento é possível apenas indicar aqui, constitui um dos exemplos do ganho que podemos ter com o reconhecimento dos “recursos semânticos e estilísticos” colocados por Freud “a serviço de ressaltar determinados paralelismos ou articulações entre as palavras” (p. 18) e dos “aspectos teórico-psicanalíticos que inter-relacionam não palavras, mas conceitos” (p. 19).

Citando um parágrafo de *O inconsciente* (1915) especialmente rico na utilização dos recursos semânticos, Luiz mostra a tessitura dos termos que podem ser traduzidos em português por representar, representação e representante, juntamente com a afirmação de que a pulsão (*Trieb*) “nunca pode tornar-se objeto da consciência” (p. 77). A idéia ou imagem (*Vorstellung*) que o representa (*repräsentiert*), pode. Mais uma vez, tocamos apenas no início da elucidação de tramas que são de grande importância, sobretudo porque explicitam aquilo que pode significar uma escuta das pulsões na clínica.

O autor nos lembra que “O conflito psíquico, tema central da psicanálise freudiana, sempre aparecerá ao sujeito como um impasse entre prazer (*Lust*) e desprazer (*Unlust*)” (p. 114). Retraçando grosso modo uma de suas linhas de raciocínio, retomemos a idéia de que é sob pressão (*Drang*) que as pulsões tem efetividade no âmbito psíquico, tornando-se facilmente penosas e capazes de atingir um estado de urgência de escoamento (*Abfuhr*). Este, por inibição, é impedido de ocorrer. O aumento de estímulo (*Reiz*) antecipa a experiência de desprazer através do medo (*Angst*). Assim é localizada,

desde as etapas arcaicas, a “matriz do conflito psíquico”. Àquelas, viria se sobrepor, para além do processo primário, o impasse entre medo e desejo.

A reconstituição de vicissitudes semânticas do texto freudiano coloca-nos diante de explicitações de funcionamento corpóreo das pulsões, desde o seu nascedouro. Mas sua inclusão não seqüestra o encanto da temática do desejo, já que elas são perseguidas na esfera do psíquico no encontro com suas roupagens ou representações imagéticas (*Vorstellungen*). São estas representações as responsáveis pelas atividades que nos parecem mais poéticas, como imaginar, alucinar, fantasiar, pensar e desejar.

A complexidade, que sua pesquisa revela, conduz o autor a construir as elaboradíssimas tabelas, onde sistematiza para os leitores os processos psíquicos, “pensados como movimentos pulsionais fusionados” (p. 151) e que “se apre-

sentam não só no texto freudiano em geral, como também na escuta clínica” (p. 160). Nas tabelas, distribuem-se as características semântico-psicanalíticas de pulsão e registram-se os movimentos pulsionais expressos por várias nuances nos textos de Freud. Porém, mais do que isso, a sistematização gráfica marca também, segundo a intenção expressa do autor, a circulação pulsional, passível de ser captada na clínica, por uma escuta freudiana.

## NOTAS

1. L. Hanns, *Dicionário comentado do alemão de Freud*, R. de Janeiro, Imago, 1996.
2. S. Langer, *Introducción a la lógica simbólica*, México, SigloVeintiuno, 1970, p. 47.

**Camila Salles Gonçalves** é psicóloga, psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, professora de filosofia, doutora pela USP, autora de *Desilusão e história na psicanálise de J.-P. Sartre*.